



ENTENDENDO A BÍBLIA

Infância do Menino Jesus nos apócrifos

Histórias de ternura
e travessura



Infância de Cristo (1620), Gerrit van Honthorst

Entre os 140 livros apócrifos (aqueles que não fizeram parte da lista dos livros que formam a Bíblia canônica), encontramos oito que contam sobre a infância e a adolescência do Menino Jesus. O substantivo apócrifo significa algo oculto, escondido. Esses livros foram assim chamados porque eram usados de forma escondida, sem o consentimento da igreja oficial. Para entendê-los, devemos classificá-los em aberrantes – narrativas exageradas; complementares – textos que complementam o sentido dos oficiais; alternativos – livros que apresentam pensamentos bem diferentes dos canônicos. Os evangelhos apócrifos da infância estão no primeiro grupo; os de Maria, no segundo; e o de Maria Madalena, por exemplo, no terceiro.

Procurei explicar todos eles, bem como situá-los no contexto histórico dos sete primeiros séculos do cristianismo, período no qual foram escritos, em meu livro: *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos*. Poder e heresias (Vozes, 2009). No momento, estou lançando outro livro, o sexto da coleção Comentários aos Apócrifos (Vozes), com o título: *Infância apócrifa do menino Jesus*. Histórias de ternura e travessura (pela mesma editora). Nele apresento uma narrativa histórica e linear dos anos da infância do Menino Jesus, do nascimento em Belém, da viagem e permanência no Egito, a volta a Israel, passando por Belém, e sua vida em Nazaré. São histórias de ternura e de travessuras de um menino humano e divino, recolhidas de oito livros apócrifos, analisadas e agrupadas. Uma criança exemplar, esperta, brincalhona, cheia de vida, travessa como tantas crianças do seu tempo, mas com um diferencial: ela era Deus e tudo podia, até mesmo fazer malvadezas.

As narrativas apócrifas da infância nasceram no paralelo das definições do cristianismo que se tornava hegemônico, entre tantos cristianismos, ou visões de fé acerca de Jesus. Duas perguntas básicas inspiraram, ao longo de séculos, os autores – pessoas e comunidades –, na elaboração dos apócrifos da infância de Jesus: “Como Jesus se comportou na sua infância? De onde ele veio, pois tudo o que ele diz acontece?” Essa última pergunta encontra-se, inclusive, registrada em um dos apócrifos da infância. Somente uma leitura atenta desses livros nos poderá dar uma possível resposta a elas e, o que é mais fascinante, descobrir a infância que Jesus não teve na literatura canônica.

A preocupação dos autores dos evangelhos canônicos foi demonstrar que Jesus era o Messias, o Ungido. Ele morreu e ressuscitou, e isso basta. O lado humano d’Ele seria irrelevante diante desse fato extraordinário. A literatura apócrifa nasceu com o objetivo de trazer à luz o lado esquecido de Jesus. O fato de essa literatura ser posterior aos canônicos não deveria ser critério para dizer que não pode ser considerada verdadeira.

PERFIL DO MENINO JESUS

As narrativas apócrifas nos delineiam o perfil do Menino Jesus de modo interessante. Destacamos alguns pontos:

UM MENINO COMO OS OUTROS E LINDÍSSIMO. Mesmo sendo Deus encarnado, Jesus foi uma criança como todas as outras, brincava, fazia travessuras, teve raiva de outras crianças, sentia dor e compaixão. Segundo o livro *O Evangelho secreto da Virgem Maria*: um manuscrito, de Santiago Martín (Mercuryo, 1999), escrevendo ao apóstolo João, Maria afirmou:

À primeira vista, Jesus era um menino como os outros. Bem, não exatamente como os outros, porque era lindíssimo. Alguns dirão, João, que eu exagerei e que é paixão de mãe. Porém, tu, que o amavas quase tanto quanto eu, sabes que meu filho era de verdade muito formoso, embora o tivesses conhecido já como homem, enquanto eu tive a imensa felicidade de vê-lo crescer dia a dia ao meu lado. Jesus era um menino como os outros, ao mesmo tempo bem diferente. Brincava, como todos, porém ria mais do que todos. Era ele que mais facilmente se tornava chefe de sua turma, mas se negava a isto quando tinha que enfrentar outro menino que aspirava ao mesmo objetivo. Assim foi reunindo um grupo de amigos que tinham outros gostos e não consideravam diversão brincar de matar romanos e atirar pedras nos ninhos ou fazer travessuras nos campos semeados. Um desses amigos fiéis foi o seu primo Tiago, que muitos acreditavam ser seu irmão, porque se pareciam muito e andavam sempre juntos. Isso, porém, não era o mais significativo. Seu domínio interior e uma espécie de superioridade que ele não reivindicava e pela qual não lutava eram notados por todos. José e eu víamos outras coisas que nos advertiam de que, por trás da aparente normalidade, estava-se preparando a aparição pública do Messias.



O livro *Infância apócrifa do menino Jesus*. Histórias de ternura e travessura, de frei Jacir, publicado pela Editora Vozes

FAROL LUMINOSO PARA A SUA FAMÍLIA E OBEDIENTE. Quando José ia a festas, todos da família iam juntos, seus filhos do primeiro casamento e Maria. As irmãs dela também iam com eles. Quando estavam juntos para tomar a refeição, o Menino Jesus sempre abençoava os alimentos e era o primeiro a começar a comer e beber. Se Ele não estivesse presente, eles esperavam a sua chegada. Quando Jesus fazia jejum, todos também faziam. Para seus irmãos e José e Maria, Jesus era como um farol luminoso. Eles O respeitavam muito. Quando dormia, o esplendor de Deus brilhava sobre o seu corpo. Os relatos apócrifos também ressaltam, assim como os canônicos, que o Menino Jesus

era obediente aos pais em tudo. Ele ajudava Maria nas tarefas domésticas. José e Maria sempre davam graças a Deus por todas as coisas que haviam visto e ouvido do Menino Jesus.

UM MENINO COM OS MESMOS PODERES DO ADULTO. Os relatos apócrifos da infância procuraram repetir atitudes e atos realizados pelo Jesus adulto, de modo a demonstrar que se tratava da mesma pessoa, que não precisou se descobrir Filho de Deus, mas, de fato o era, com todas as prerrogativas inerentes. Como vimos, o Menino Jesus fez um grão semeado gerar uma colheita abundante, fato que lembra a multiplicação dos pães; foi aclamado rei por outras crianças, lembrando a entrada triunfal em Jerusalém; ressuscitou mortos, assim como ressuscitou Lázaro, seu amigo de infância; transformou crianças em ovelhas, que se colocam a seu lado, como o bom pastor adulto; realizou inúmeros milagres e curas; agiu com autoridade diante de pessoas e fatos etc. Jesus-Menino tinha os mesmos poderes do adulto, Jesus de Nazaré. À diferença do Jesus adulto, em seus milagres pueris, não entra o exorcismo. Ainda na infância, sua fama de milagreiro e dotado de poderes divinos ficou conhecida em Jerusalém, nos mais remotos confins de Judá e em todas as províncias. E muitos vinham de longe para render-lhe graça e serem abençoados por ele. E diziam: "Bem-aventurado o ventre que te carregou e os seios que te amamentaram" (*Infância do Salvador*, 6). A narrativa apócrifa cumpre seu papel de confirmar a humanidade e a divindade do Menino Jesus.

UM MENINO MALVADO, QUE USOU DE SEUS PODERES PARA MATAR. Muitos relatos apócrifos não são aceitos por nós, por tratar-se de aberrações a que os nossos ouvidos não estão acostumados, mas que poderiam, sim, ter sido realizados pelo Menino Jesus, caso



O garoto Jesus, Lebrecht Music and Arts Photo Library

quisesse, pois era Deus, já desde pequeno. O grande exagero das narrativas apócrifas é afirmar que o Menino Jesus matou pessoas e animais. De acordo com os evangelhos canônicos, Ele matou uma figueira que não dava frutos (cf. Mc 11,12-14.20-21) e porcos que receberam demônios em seus corpos e entraram no mar, afogando-se todos (cf. Mc 5,12). Há de se considerar que, nos canônicos, não encontramos relatos sobre Jesus matando e, depois, ressuscitando, como no caso do professor que o desafiou. Todas as narrativas canônicas e apócrifas cumprem a função de demonstrar que, por ser Deus, Jesus tinha o poder sobre a vida e a morte. É uma questão de divindade. Por outro lado, esse gênero literário não é novidade. Nas biografias de grandes heróis do mundo greco-romano, o poder do adulto é também o da criança. Se é capaz de fazê-lo como adulto, ele teria feito o mesmo também quando criança. Vale ressaltar ainda que o encontro do Menino Jesus com os dois soldados romanos relembra a declaração do centurião romano, diante da cruz: "Verdadeiramente este homem era filho de Deus!" (Mc 15,39). Ademais, diante dos grandes feitos do menino Jesus, o povo dizia: "Bendito o que vem em nome do Senhor. Amém" (*Infância do Salvador*, 7).

INTELIGENTE E CONHECEDOR DE SUA ORIGEM DIVINA. A inteligência do Menino Jesus era tanta que Ele nem precisou frequentar a escola. Ele sabia mais que seus mestres. Teve três professores, dos quais um o desafiou e morreu; outros dois o devolveram para José, pois não suportavam o voo da sua inteligência. Um deles afirmou que havia procurado um aluno e encontrou um mestre. A terceira tentativa de educar Jesus foi bem-sucedida. Ele permaneceu na escola, após ter sido reconhecido por todos como alguém de poder sobrenatural, divino. Essa conclusão do narrador apócrifo quer, por outro lado, afirmar que, mesmo sendo Deus, o Menino Jesus precisou passar pelo processo normal de aprendizado, assim como todas as crianças. De fato, o *Evangelho da infância de Jesus segundo Tomé* relata como o Menino Jesus mudou seu comportamento depois de frequentar a

"Nossos ouvidos estão acostumados a ouvir e nossos olhos, a ler, histórias que delinearam um Jesus divino e tão distante de todos nós, que não conseguimos ver um Jesus-Menino igual às crianças normais, nas travessuras e molequices. O Jesus histórico e da fé não é diminuído com o apócrifo"

escola, passando a agir mais como adulto. O episódio da presença do Menino Jesus no Templo, discutindo com os doutores da lei, conservado pelos apócrifos e canônicos, tem o objetivo de mostrar que sua inteligência é divina. Um filósofo de Jerusalém reconheceu a sabedoria d'Ele e promete tomar-se seu discípulo e servo. Dois soldados ouviram atentos à explicação sobre a sua condição divina. Para o judeu, a presença de dois soldados significa que o testemunho é crível. Maria teve de responder a perguntas e questionamentos do Menino Jesus sobre o procedimento das leis judaicas que condenavam as mulheres adúlteras ao apedrejamento. O cristianismo, que se tornou hegemônico, não aceitou essas narrativas apócrifas sobre a inteligência de Jesus e sua clareza em relação à sua condição de Filho de Deus pelo fato de apresentarem influências do gnosticismo cristão, que propagava a ideia de que o conhecimento salva, sem mérito para os elementos históricos da encarnação de Jesus.

A INFÂNCIA OCULTA DE UM MENINO TRAVESSO, PODEROSO, MALVADO E SÁBIO

As narrativas apócrifas da infância de Jesus vão conduzindo o leitor a perceber o amadurecimento da criança Jesus, descrevendo-o como um menino travesso, poderoso e malvado, gnóstico e sábio, bem como complementando a teologia que se tornou oficial, hegemônica,

a vencedora entre tantos outros modos de conceber e interpretar o evento Jesus Cristo. A questão não era polemizar, mas sim clarear essa fase da vida de Jesus que ficou na penumbra, sanando curiosidades dos cristãos, mesmo que muitas delas sejam aberrantes. Trata-se do imaginário da fé e assim devem ser compreendidas. Nossos ouvidos estão acostumados a ouvir e nossos olhos, a ler, histórias que delinearam um Jesus divino e tão distante de todos nós, que não conseguimos ver um Jesus-Menino igual às crianças normais, nas travessuras e molequices. O Jesus histórico e da fé não é diminuído com o apócrifo.

Assim, a questão de maior relevância para a não aceitação dos apócrifos da infância é a de que a divindade de Jesus não coaduna com sentimentos humanos, sobretudo os negativos. Nos evangelhos canônicos, Ele nunca ri; tem compaixão, que é próprio de Deus, com crianças e pobres. Ele é Deus, ao qual se permite somente o amor. Deus ama e quer ser amado pelos seus. Isso basta! Essa foi a leitura oficial do evento Jesus, que passou a ser o Cristo, o Ungido, o Messias.

O grande mérito dos evangelhos apócrifos da infância foi dar uma infância a Jesus, nosso Senhor e Salvador. Ele não só cresceu em sabedoria e graça, como quis a comunidade lucana (cf. Lc 2,40), mas deixou-se educar, foi moldado e lapidado como qualquer criança, assim como cada um de nós. Quem não teve infância? Infância é travessura e ternura, saudade de um tempo que não volta mais e caminho aberto para um futuro incerto. No caso do Menino Jesus, ele se tornou o adulto Jesus de Nazaré, Filho de Deus, depois de passar pela experiência de ser uma criança, um Deus-menino, um Salvador a caminho, um menino travesso. Nisso reside o fascínio das histórias apócrifas do menino Jesus. Nelas estamos todos nós, outros filhos e filhas de Deus em processo.

Frei Jacir de
Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências
Bíblicas pelo Pontifício
Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br
bibliaeapocrifos@bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal